

# Estilos de Consumo Alimentar Alternativos: Debate Acadêmico e Reflexos para a Sociedade e os Mercados Agroalimentares

## Alternative Food Consumption Styles: Academic Debate and Reflections for Society and Agrifood Markets

*Mariele Boscardin(1); Raquel Breitenbach(2); Janaína Balk Brandão(3)*

1 Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, BA, Brasil.

E-mail: marieleboscardin@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3308-4189>

2 Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Sertão, RS, Brasil.

E-mail: raquel.breitenbach@sertao.ifrs.edu.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9431-3766>

3 Professora no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: janainabalkbrandao@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3044-3473>

**Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, vol. 14, n. 1, p. 1-18, janeiro-junho, 2024 - ISSN 2237-7956

[Recebido: 26 fev. 2024; Aprovado: 9 jun. 2024; Publicado: 30 jun. 2024]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2237-7956.2024.v14i1.5017>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editora-chefe: Giana de Vargas Mores

Editor Técnico: Wanduir R. Sausen

Como citar este artigo / How to cite item: [clique aqui/click here!](#)

## Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar a evolução do debate acadêmico acerca dos estilos de consumo alternativos, considerando seus conceitos, características, princípios e eixos temáticos abordados. Para tanto, consideraram-se como estilos de consumo alternativos: freeganismo, locavorismo, flexitarianismo e climaterianismo. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa bibliométrica quantitativa e qualitativa. Como base de dados, foi utilizada *Scopus*, considerando as seguintes palavras-chave para busca “freegan\*” ou “locavor\*” ou “flexitarian\*” ou “climatarian\*”. Após utilizar os critérios de inclusão e exclusão (documentos do tipo artigo e alinhamento com o tema), foram selecionados 59 artigos, sem delimitação temporal. Em 2009, registrou-se o primeiro artigo sobre o tema, mantendo uma média de 2,75 artigos por ano até 2021, quando ocorreu um aumento na produção científica sobre o tema, saltando para 12 estudos naquele ano. Ao longo desse tempo, o flexitarianismo, seguido do locavorismo foram os estilos mais estudados, indicando maior interesse da comunidade científica. Em relação à análise qualitativa, foram classificados três eixos temáticos em torno dos estilos de consumo alternativos: a) características, princípios e ideologias; b) motivações; c) reflexos para a sociedade e os mercados agroalimentares. Por fim, destaca-se que os estilos alimentares alternativos podem impactar nos mercados agroalimentares de modo a incentivar sistemas produtivos mais sustentáveis e formas de comercialização justas.

*Palavras-chave:* Climaterianismo; Freeganismo; Flexitarianismo; Locavorismo.

## Abstract

This work aimed to analyze the evolution of the academic debate about alternative consumption styles, considering their concepts, characteristics, principles, and thematic axes addressed. Freeganism, locavorism, flexitarianism, and climaterianism were considered alternative consumption styles. Methodologically, quantitative and qualitative bibliometric research was carried out. Scopus was used as a database, considering the following search keywords “freegan\*” or “locavor\*” or “flexitarian\*” or “climatarian\*”. After using the inclusion and exclusion criteria (article-type documents and alignment with the theme), 59 articles were selected without temporal delimitation. In 2009, the first article on the subject was registered, maintaining an average of 2,75 articles per year until 2021, when there was an increase in scientific production, jumping to 12 studies in that year. Over that time, flexitarianism, followed by locavorism were the most studied styles, indicating greater interest from the scientific community. Regarding the qualitative analysis, three thematic axes were classified around alternative consumption styles: a) characteristics, principles, and ideologies; b) motivations; c) consequences for society and agrifood markets. Finally, it should be noted that alternative food styles can impact agri-food markets to encourage more sustainable production systems and fairways of marketing.

*Keywords:* Climaterianism; Freeganism; Flexitarianism; Locavorism.

## 1 Introdução

Os hábitos alimentares são o resultado das escolhas individuais repetidas no cotidiano das pessoas (Cliceri *et al.*, 2018), variando de acordo com fatores distintos, dentre eles: a localização geográfica, o status social, o poder aquisitivo, a educação e a formação cultural. Além destes aspectos, questões religiosas, éticas, morais e de bem-estar animal podem motivar os consumidores (Bánáti, 2022). Para Marques *et al.* (2022) e Verain *et al.* (2022), os atributos mais destacados pelos consumidores em relação ao consumo são: saúde, segurança, bem-estar animal, impacto ambiental, apoio à economia local, sabor, preço, disponibilidade, rastreabilidade, local de origem e conveniência. Os consumidores estão se tornando mais conscientes, preocupados com a saúde, meio ambiente, solicitando alimentos saudáveis, naturais, rótulos limpos e produzidos de forma sustentável, seguindo tendências tanto quanto as estabelecem (Bánáti, 2022).

Neste sentido, os alimentos não são apenas um item de consumo, estando a alimentação e as escolhas alimentares relacionadas ao estilo de vida e a aspectos simbólicos e imateriais (Cruz; Schneider, 2010). Para tanto, o modo e como as sociedades se alimentam estão no centro dos debates atuais. Isso ocorre porque as escolhas alimentares e o consumo de alimentos podem afetar e ser afetados pelo sistema agroalimentar todo, incidindo sobre questões econômicas, sociais e ambientais (Chen *et al.*, 2019).

Decorrentes de crises e escândalos alimentares (Breitenbach *et al.*, 2018), tem-se uma “desconfiança” dos consumidores com os sistemas alimentares modernos, resultando em um “mal-estar com a alimentação”, resultando no aumento de estudos acadêmicos acerca dos novos movimentos sociais alimentares alternativos e dos conflitos sociais em torno da alimentação (Benito; Díaz-Méndez, 2021). Estes aspectos conduzem a novas tendências nos sistemas alimentares e de consumo em várias partes do mundo (Sonnino, 2019).

Além disso, comportamentos alimentares estão interligados com hábitos e estilos de vida das pessoas e podem implicar em hábitos de consumo alternativos. Dentre os principais fatores que levam as pessoas a adotarem e manterem estilos alimentares alternativos, destaca-se a experiência de um momento-chave, o acúmulo de conhecimento e as preocupações com a saúde (Werner; Risius, 2021).

Neste cenário, surgem e crescem movimentos que propõem estilos de consumo alternativos, a exemplo do veganismo e do vegetarianismo (Portilho, 2020), que surgiram por volta do século XVIII (Magalhães; Oliveira, 2019) e são comumente conhecidos. Todavia, têm-se propostas mais recentes como o freeganismo, locavorismo, flexitarianismo e climaterianismo. Esses grupos de consumidores questionam a lógica produtiva “convencional” e abrem caminho para novas possibilidades, incluindo a

emergência ou estruturação de mercados agroalimentares (Santos; Marques 2021; Rudy 2012). Para Navarro (2021), essas formas de “ativismos” não vem apenas na forma de protestos e marchas, mas também na forma de cozinhar, passar receitas, compartilhar refeições, organizar exposições e compartilhar a voz nas mídias digitais.

Considerando que, embora o vegetarianismo e o veganismo tenham ganhado cada vez mais atenção nos últimos anos por parte dos pesquisadores, poucos estudos concentraram-se em identificar as motivações compartilhadas por uma gama mais diversificada dos estilos de consumo alternativos (Werner; Risius, 2021). Dadas essas lacunas científicas, neste estudo, pretende-se centrar o olhar nas particularidades alimentares, que respondem a um descontentamento em relação à alimentação, resultando em decisões individuais que, normalmente, convertem-se em grupos.

Assim, o objetivo deste estudo é analisar a evolução do debate acadêmico acerca dos estilos de consumo alternativos, considerando seus conceitos, características, princípios e eixos temáticos abordados. Como objetivo específico, a pesquisa busca identificar os impactos dos estilos alimentares alternativos nos mercados agroalimentares. O recorte utilizado para os estilos de consumo alternativos foram freeganismo, locavorismo, flexitarianismo e climaterianismo.

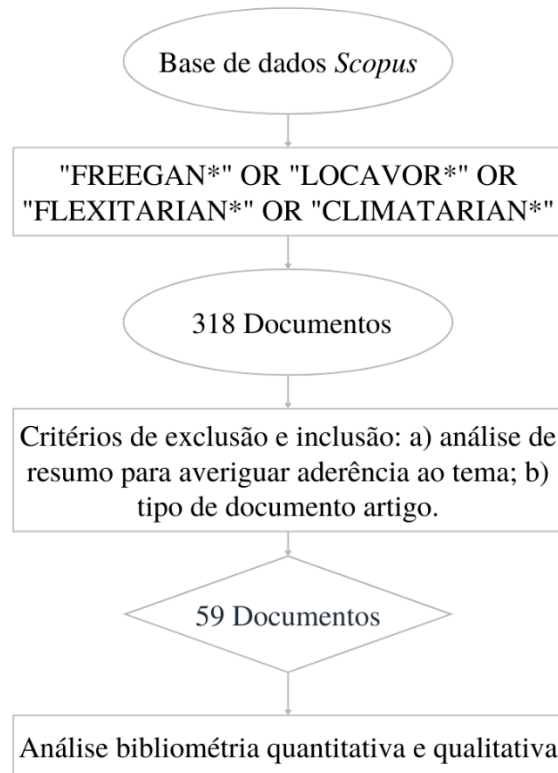
## 2 Materiais e métodos

Este estudo está estruturado metodologicamente em duas fases. Na primeira fase, definiu-se a base de dados internacional *Scopus*<sup>1</sup> (Figura 1), por ser considerada a maior base de resumos e citações de artigos revisados por pares da literatura (Palomo *et al.*, 2017). O acesso à base de dados foi realizado via sistema Comunidade Acadêmica Federada (CAPES/Brasil). Posteriormente, foram inseridas as seguintes palavras de busca: “Freegan\*” ou “Locavor\*” ou “Flexitarian\*” ou “Climatarian\*”, que tiveram como foco títulos, resumos e palavras-chave dos arquivos, resultando em 318 documentos.

---

1 A pesquisa na *Elsevier's Scopus* foi realizada no dia 24 de maio de 2023.

**Figura 1.** Fluxograma do processo de seleção e análise de documentos na plataforma Scopus



**Fonte:** Elaborada pelas autoras (2023).

Na sequência, foi selecionado o tipo de documento “artigos”, por ser fonte do conhecimento mais atualizado e com impacto maior (López Fernández *et al.*, 2016), não havendo delimitação temporal para a busca. A partir deste refinamento, obteve-se um total de 225 documentos. Posteriormente, estabeleceram-se como critérios de exclusão os artigos que tinham como foco aspectos nutricionais e/ou avaliação nutricional, bem como fatores de risco relacionados aos diferentes tipos de dietas. Foram incluídos os demais artigos que tinham alinhamento com o objetivo do artigo. O número final de artigos para realização de análise bibliométrica quantitativa e qualitativa foi de 59 artigos.

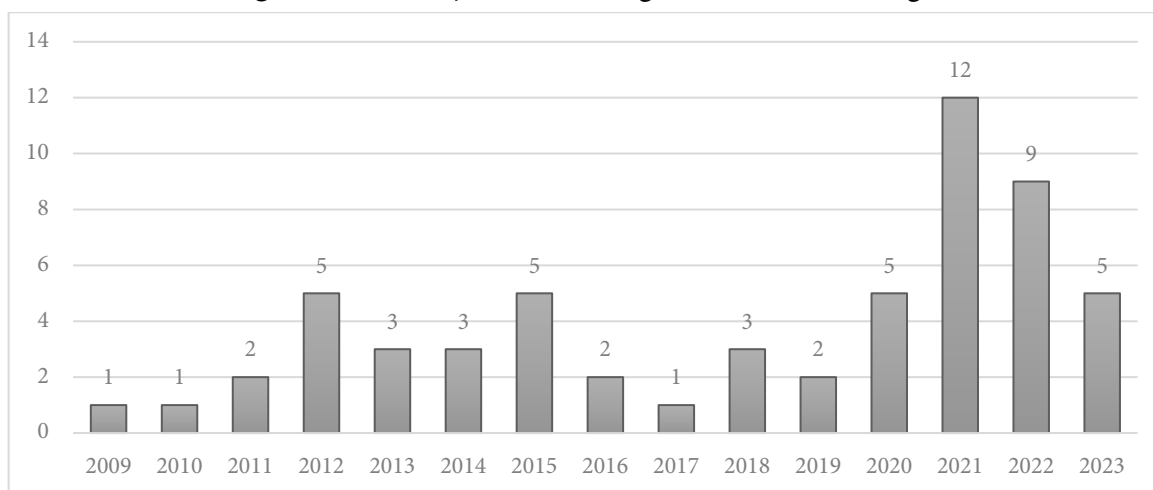
Após a seleção dos documentos, foi realizada a análise bibliométrica quantitativa que apresenta e avalia indicadores, dentre eles: evolução temporal; principais periódicos, países e instituições mais recorrentes. Esta análise foi realizada com o auxílio do *Software Bibliometrix (RStudio Software)*. Já a segunda fase do estudo consistiu em uma análise bibliométrica qualitativa dos documentos selecionados. Esta etapa visou aprimorar e atualizar o conhecimento, por uma investigação científica das obras já publicadas e selecionadas via base de dados, buscando elencar os principais eixos temáticos abordados na literatura sobre os estilos de consumo alternativos. A referida análise visou identificar o que as referências abordam sobre a evolução do debate acadêmico, sendo organizada da seguinte forma, com base no entendimento dos autores: a) Características, princípios e ideologias dos estilos de consumo alternativos;

- b) Motivações que conduzem as pessoas a adotar estilos alimentares alternativos;
- c) Reflexos das adoções dos estilos de consumo alternativos para a sociedade e os mercados agroalimentares.

### 3 Análise bibliométrica quantitativa dos estudos sobre estilos de consumo alternativos

A Figura 2 apresenta a análise e a evolução temporal dos 59 artigos analisados. Como se pode observar, a partir do ano de 2021 houve um acréscimo na produção científica sobre os estilos de consumo alternativos, com um total de 12 artigos publicados. Estes dados demonstram que se trata de um tema atual e recente, pois como não houve delimitação temporal para a busca dos documentos, constatou-se que as primeiras publicações surgiram no ano de 2009, seguindo os critérios destacados nos materiais e métodos.

**Figura 2.** Produção científica global anual de artigos



**Fonte:** Elaborada pelas autoras com base em Bibliometrix (*RStudio Software*) (2023).

Acerca das afiliações dos autores, estão entre as mais recorrentes a Wageningen University and Research na Holanda, seguido da Lincoln University na Nova Zelândia e University of Cambridge no Reino Unido. Na sequência, destaca-se a California State University na Califórnia, a Curtin University na Austrália e a Universidade de São Paulo no Brasil (Tabela 1). Dentre os periódicos que contemplam maior número de publicações sobre o tema estão: 1) *Appetite*; 2) *Food Quality and Preference*; 3) *Food Culture and Society*; 4) *Ecological Economics*; 5) *Nutrients*; 6) *Sustainability*.

**Tabela 1.** Principais afiliações dos autores e principais periódicos

Afiliação	N	Periódico	N
Wageningen University and Research	4	Appetite	4
Lincoln University	3	Food Quality and Preference	4
University of Cambridge	3	Food Culture and Society	4
California State University	2	Ecological Economics	2
Curtin University	2	Nutrients	2
Universidade de São Paulo	1	Sustainability	2

**Fonte:** Elaborada pelas autoras com base em Bibliometrix (*RStudio Software*) (2023).

Sobre a produção científica por país, correspondente à afiliação institucional do primeiro autor, os Estados Unidos lideram o *ranking* com 28 documentos publicados, seguido do Reino Unido (14 documentos), Austrália (10), Nova Zelândia e Holanda (5 cada), Itália (4) e Brasil, Dinamarca e Alemanha (3 cada país). Estes resultados possivelmente se explicam por que os Estados Unidos e países da Europa se destacam no desenvolvimento de movimentos sociais ligados a ativismos alimentares.

#### 4 Análise bibliométrica qualitativa dos estudos sobre estilos de consumo alternativos

Nessa etapa, a pesquisa analisou qualitativamente os artigos, o que permitiu inferir três eixos temáticos abordados na literatura, os quais serão discutidos na sequência: a) Definições, características, princípios e ideologias dos estilos de consumo alternativos; b) Motivações que conduzem as pessoas a adotar estilos alimentares alternativos; c) Reflexos das adoções dos estilos de consumo alternativos para a sociedade e os mercados agroalimentares.

a) Definições, características, princípios e ideologias dos estilos de consumo alternativos:

Dentre os 59 documentos analisados no estudo, 25 contemplam o estilo de consumo denominado flexitarianismo, 22 o locavorismo, 11 o freeganismo e um artigo o climaterianismo. Os estilos de consumo alternativos e seus respectivos autores são apresentados na Quadro 1.



**Quadro 1.** Estilos de consumo alternativos e seus respectivos autores

Estilo	Nº de artigos	Autores
Flexitarianismo	25	Halkier; Lund (2023); Peschel; Grebitus (2023); Morris <i>et al.</i> (2023); Carfora; Catellani (2023); Van Der Meer <i>et al.</i> (2023); Dagevos; Verbeke (2023); Bánati (2022); Verain <i>et al.</i> (2022); Ginn; Lickel (2022); Himics <i>et al.</i> (2022); Malek; Umberger (2021); Nogueral <i>et al.</i> , (2021); Sijtsema <i>et al.</i> (2021); Dakin <i>et al.</i> , (2021); Kidd <i>et al.</i> (2021); Kemper; White (2021); Duckett <i>et al.</i> (2021); Wrenn (2020); Curtain; Grafenauer (2019); Clicer <i>et al.</i> (2018); Spencer <i>et al.</i> (2018); Spencer; Guinard (2017); Raphaely; Marinova (2014).
Locavorismo	22	Rombach <i>et al.</i> (2022); Dsouza <i>et al.</i> (2022); Balzano; Vianelli (2022); Kretschmer; Dehm (2022); Choi <i>et al.</i> , (2021); Santos; Marques (2021); Kim; Huang (2021); Montefrio <i>et al.</i> , (2020); Ho (2019); Nelson <i>et al.</i> , (2017); Scharber; Dancs (2015); Ruetsche (2015); Peterson <i>et al.</i> (2015); Syrovátková <i>et al.</i> (2015); Spielmann; Bernelin (2015); Azevedo (2015); Kim (2013); Thomas; Mcintosh (2013); Ruth-Mcswain (2012); Keogh (2012); Stanton <i>et al.</i> (2012); Rudy (2012).
Freeganismo	11	Milburn; Fischer (2021); Obrador (2020); Lojdová (2020); Lou (2019); Banard (2016); Nguyen (2014); Edward; Mercer (2012); Banard (2011); Pentina; Amos (2011); Thomas (2010); Gross (2009);
Climaterianismo	1	Lohmann <i>et al.</i> (2022).

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2023).

Os flexitarianos referem-se ao grupo mais estudado entre os trabalhos acadêmicos. Além disso, o freeganismo aparece como um dos primeiros estilos a serem estudados na literatura (Gross, 2009). Em relação aos flexitarianos, Bánati (2022) destaca que esses se tornaram o maior grupo alimentar depois dos onívoros, e desempenham um papel significativo quando se trata de reduzir efetivamente o consumo de carne e outros produtos derivados de animais e, portanto, são fundamentais no combate às mudanças climáticas.

Os flexitarianos representam um grupo crescente de consumidores que têm reduzido propositalmente a ingestão de carne, sem eliminar totalmente de sua dieta, ou seja, não têm intenção de se tornar vegetarianos ou veganos, mas, por razões de saúde ou motivações ambientais, são flexíveis e reduzem o consumo de carne (Bánati, 2022). Contudo, não há consenso, alguns consumidores se consideram flexitarianos quando reduzem o consumo de carne pela metade, outros reduzem para 4 dias na semana e outros ainda por apenas um dia (Bánati, 2022). Aproximadamente metade dos flexitarianos ainda consome carne em pelo menos quatro dias por semana, em média (Malek; Umberger, 2021).



Em se tratando do locavorismo, Stanton *et al.* (2012) destacam que as pessoas que valorizam e compram alimentos produzidos localmente são chamadas de ‘locavores’. Embora não exista uma definição oficial de ‘locavor’, aceita-se que sejam pessoas que compram alimentos em supermercados designados como produzidos localmente, de feiras livres, ou mesmo produzem seus próprios alimentos (Stanton *et al.*, 2012).

Balzano e Vianelli (2022) destacam três características principais no locavorismo: valorização da comida local, oposição aos sistemas alimentares de longa distância e apoio à comunalização das economias alimentares. Eles tendem a fazer compras com mais frequência e em um número maior de lojas e gastam mais em frutas e vegetais orgânicos em comparação aos demais consumidores. Comem menos carne e mais vegetais da época, seguindo a sazonalidade, e valorizam a “comida feita em casa” (Azevedo, 2015).

Em relação aos freeganos, de acordo com Pentina e Amos (2011), trata-se de uma filosofia que se originou inicialmente focada em minimizar o impacto ambiental através do consumo de alimentos descartados que, posteriormente, associaram suas preocupações a questões econômicas, sociais e políticas. Os ‘freegans’ sustentam-se através do consumo de bens descartados, alimentando de produtos rejeitados, vestindo roupas de segunda mão e mobiliando suas casas com móveis rejeitados (Nguyen *et al.*, 2014).

Barnardi (2011) destaca que, enquanto alguns praticantes do freeganismo visualizaram esse movimento como uma ideologia anticapitalista e revolucionária, protestando contra o consumo excessivo e abstendo-se de consumir qualquer coisa que deva ser comprada, para outros, é uma forma de reduzir o desperdício e minimizar impactos ambientais. O autor destaca que o freeganismo é uma ideologia adotada por um número crescente de indivíduos em todo o mundo que compartilham ideias e princípios. Neste sentido, os freeganos esforçam-se para manter estilos de vida individuais, distintos dos consumistas (Lojdová, 2020).

Além disso, os estudos relativos ao freeganismo alertam sobre o impacto global da agricultura industrial. No centro desta crítica está o excesso no consumo de carne. Essa abordagem leva ao vegetarianismo, ou veganismo, que muitos freeganos veem como um ideal a ser buscado (Lojdová, 2020). Os freeganos também se envolvem em práticas anticonsumistas, ocupação de prédios abandonados e em lotes vazios da cidade, busca de alimentos na natureza, ciclismo e carona, desemprego voluntário, ativismo comunitário radical (Barnard, 2011), produção de hortas domésticas e comunitárias, reciclagem, compostagem e a troca e compartilhamento de alimentos (Edwards; Mercer, 2013).

O climaterianismo, por sua vez, tem como características a redução de carbono no consumo de alimentos e a mitigação das mudanças climáticas. Este estilo (representado por apenas um artigo) geralmente não envolve regras rígidas, mas foca na atenção plena sobre as emissões relacionadas aos alimentos. O climaterianismo pode

abranger uma série de comportamentos, como reduzir o consumo de carne, substituir por carne de menor impacto, reduzir o desperdício de alimentos e o uso de embalagens e comer localmente (Lohmann *et al.*, 2022).

b) Motivações que conduzem as pessoas a adotar estilos alimentares alternativos:

O segundo eixo temático identificado na literatura diz respeito às motivações que conduzem as pessoas a adotar estilos alimentares alternativos. Sobre os flexitarianos, foram identificadas variáveis distintas que permitem e restringem o comportamento de redução de carne, dentre elas, o conhecimento nutricional, a disponibilidade e sabor de substitutos da carne, o desconhecimento das refeições à base de vegetais, a percepção de sabor e conveniência, a incerteza sobre habilidades culinárias ou reações de familiares (Sijtsema *et al.*, 2021).

Além disso, os jovens flexitarianos são motivados a reduzir o consumo de carne devido às preocupações individuais (saúde, variedade, preço, reduzir o mal-estar social) e altruístas (meio ambiente e ética) e que documentários e redes sociais são os principais gatilhos para a redução no consumo de carne (Kemper; White, 2021). Curtain e Grafenauer (2019) destacam que a demanda por substitutos de carne à base de vegetais está crescendo globalmente por razões ligadas à saúde humana e ao meio ambiente. Para além dos aspectos que dizem respeito à motivação, o fato de optar pela redução no consumo de carne está atrelado a capacidades, conhecimentos e habilidades, bem como oportunidades de apoio proporcionadas pelo ambiente social e físico (Sijtsema *et al.*, 2021).

Em relação ao locavorismo, Balzano e Vianelli (2022) destacam que experiências anteriores, crenças pessoais, valores, grupos sociais, comunidades de origem, e a sociedade podem exercer influência na formação do locavorismo como ideologia de consumo. Para além destes aspectos, acrescenta-se dentre as principais motivações, que comer alimentos locais resulta em benefícios sociais, tais como apoiar os agricultores, comunidades e economias locais, bem como benefícios pessoais, como obtenção de produtos com melhor sabor, segurança e autossuficiência alimentar (Cleveland *et al.*, 2014).

Choi *et al.* (2021) acrescentam que a atitude ambiental, o apego à comunidade e a consciência da saúde também estão relacionados positivamente ao locavorismo, que prevê as intenções de compra dos consumidores e a disposição de pagar mais por itens de menu de origem local em restaurantes. Além disso, a crença de que a comida local é mais nutritiva e saudável do que a comida convencionalmente cultivada longe do local de compra é um motivador, somado à influência dos valores da família. Finalmente, custo e acessibilidade são barreiras percebidas para a prática do locavorismo (Thomas; McIntosh, 2013).

Ao analisar as escolhas alimentares relacionadas aos adeptos do freeganismo, percebe-se serem predominantemente éticas e centram-se na questão do desperdício de alimentos e como contornar este problema observado na sociedade (Edwards;

Mercer, 2013). Além disso, protestam contra a degradação ambiental e o capitalismo (Banard, 2011). Contudo, Pentina e Amos (2011) destacam que muitos dos envolvidos nessas práticas desconhecem a filosofia deste movimento sendo motivados mais por necessidade do que por escolha ideológica.

Em relação aos climaterianos, suas motivações mostraram-se voltadas a uma ideologia ambientalista, sustentada pelos movimentos sociais que atuam em defesa do meio ambiente (Chen *et al.*, 2019; Dakin, *et al.*, 2021). Neste sentido, percebe-se uma crescente conscientização sobre o impacto das escolhas alimentares nas mudanças climáticas. Embora, em termos gerais, o sabor, o preço e a qualidade continuem sendo os determinantes mais importantes das escolhas alimentares, há uma parcela crescente da população que mantém preferências climáticas e busca ativamente dietas que visam reduzir o impacto ambiental (Lohmann *et al.*, 2022).

c) Reflexos das adoções dos estilos de consumo alternativos para a sociedade e os mercados agroalimentares:

O terceiro eixo identificado na literatura aborda os reflexos das adoções dos estilos de consumo alternativos para a sociedade e os mercados agroalimentares. A hipótese de que os novos estilos abordados neste estudo poderiam impactar nos mercados agroalimentares e sistemas alimentares como todo, partiu de um conhecido aumento na demanda por produtos alimentares veganos e vegetarianos, incluindo produtos alternativos à carne, leite ou ovos (Bánáti, 2022). Confirmou-se que, com a emergência de novos estilos de consumo, em especial o flexitarianismo e o climaterianismo, que preveem uma redução no consumo de carne, surgiram novos nichos de mercados e o foco em proteínas de origem vegetal criou uma oportunidade na indústria de alimentos em um cenário de preocupações com a saúde e o meio ambiente (Curtain; Grafenauer, 2019).

Kidd *et al.* (2022) sugere que a transição para dietas mais saudáveis, sustentáveis e capazes de reduzir o impacto climático representa um custo mais elevado para as famílias. Neste sentido, mais monitoramento e políticas são necessários para apoiar estas transições (Kidd *et al.*, 2022), a fim de assegurar padrões de produção e consumo sustentáveis, conforme estabelece o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 12 da Organização das Nações Unidas (ONU) da Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável Mundial e garantir “Dietas de Saúde Planetária”, conforme estabelecido no Relatório *EAT-Lancet* até 2050.

Em relação ao locavorismo, Santos e Marques (2021) destacam que essa prática pode ter impactos na mitigação da mudança do clima, no fortalecimento do tecido social e na saúde pública. Isso poderia resultar em benefícios mútuos ao promover relações próximas de produção e consumo de alimentos, fortalecendo a economia local e promovendo cadeias curtas de abastecimento. Assim, o locavorismo pode ser considerado uma estratégia de promoção da agricultura familiar e de práticas alimentares que dialogam com os princípios da sustentabilidade (Azevedo, 2015).

Para Azevedo (2015), ao se preocupar com onde a comida é produzida, como, por quem e com quem a comercializa, esse grupo busca o estreitamento das relações entre o consumidor e o agricultor e, implicitamente, entre o meio urbano e o rural, alimentando um tipo de “confiança face à face”. Nessa perspectiva, o alimento local deve dignificar os agricultores familiares, promover os sistemas agroalimentares sustentáveis e o bem-estar animal, além de estimular a economia local através da venda direta ao consumidor (Azevedo, 2015). Neste sentido, ao colocar em ação o movimento locavore, a comunidade rural pode impulsionar sua economia e fortalecer sua unidade social (Kim, 2013).

Para Brunori e Galli (2016), o crescente interesse pelo consumo de alimentos locais fez com que estes passassem a ser identificados com outros atributos, como saudável, sustentável, fresco e ecológico. Assim, os consumidores associam geralmente os produtos alimentares locais à boa qualidade sensorial e estão dispostos a pagar um preço mais elevado (Marques *et al.*, 2022). Por outro lado, há críticas que apontam efeitos adversos do locavorismo, como a constituição de mercados de nicho elitizados e o protecionismo. O risco é de, em vez de fomentar canais de economia solidária, criar uma nova modalidade de consumo restrita a públicos com alto poder aquisitivo, inclusive pelo fato de que empreendedores acreditam poder elevar o preço de produtos ao utilizar o selo de produto local (Santos; Marques, 2021).

Em relação ao freeganismo, um ponto importante observado por Nguyen *et al.* (2014), que reflete na sociedade e nos mercados agroalimentares, refere-se às estratégias utilizadas por varejistas e consumidores que vão ao encontro das ideologias freganas. Como exemplo, os autores citam a abertura de um novo mercado onde os alimentos com pouco prazo de validade são reembalados e vendidos a preços com desconto. Essas práticas de negócios não apenas reforçam a ideia de nutrição acessível, mas também atendem a novos segmentos de consumidores, sendo ideologicamente inclinados a reduzir o desperdício (Nguyen *et al.*, 2014). No contexto brasileiro, podem ser citadas duas plataformas que, semelhante a este exemplo, visam combater o desperdício de alimentos: *Food To Save* e *Restin*.

Um aspecto explorado na literatura acerca dos estilos de consumo alternativos refere-se à pandemia do COVID 19 que afetou significativamente o sistema agroalimentar. Ao analisar as tendências de redução no consumo de carne, Dagevos e Verbeke (2022), em estudo realizado na Bélgica e na Holanda, constatam que a quantidade de flexitarianos (autodeclarados) cresceu durante a pandemia (cerca de 30% ou mais na Bélgica, 40% ou mais na Holanda), especialmente para reduzir o consumo de carne no futuro (Dagevos; Verbeke, 2022).

Outro aspecto observado em virtude na pandemia do COVID 19 diz respeito ao fato de que as redes locais de alimentos geraram segurança e confiança por meio da capacidade de conhecer e interagir com o produtor. Assim, verificou-se que os

consumidores estavam frequentemente interessados em apoiar a economia local (Rombach *et al.*, 2022).

Considerando os aspectos avaliados, apresenta-se a Figura 3 com os elementos sínteses dos achados. A figura aborda os impactos dos diferentes estilos de consumo, quais características, princípios e ideologias estão por trás desses comportamentos, bem como o impacto que eles geram ou potencialmente podem gerar nos sistemas agroalimentares.

**Figura 3.** Estilos, impactos, características, princípios e ideologias, e reflexos dos estilos de consumo alternativos para a sociedade e os mercados agroalimentares

	<b>Impactos no consumo</b>	<b>Características, princípios e ideologias</b>	<b>Impactos nos mercados agroalimentares</b>
 <b>Flexitarianismo</b>	Redução no consumo de carnes.	Preocupação com saúde humana, meio ambiente e bem-estar animal.	Incentivo à produção local, da agricultura familiar, produção vegetal saudável, propriedades com bem-estar animal, produção com sustentabilidade e cadeias curtas de abastecimento alimentar. Apoio à comunidades e economias locais.
 <b>Locavorismo</b>	Priorizam comida local, oposição aos sistemas alimentares de longa distância, apoio à comunalização das economias alimentares.	Atitude ambiental, apego à comunidade e a consciência da saúde. Busca por benefícios sociais e ambientais.	
 <b>Freeganismo</b>	Consumo de alimentos e bens descartados ou rejeitados.	Preocupações econômicas, sociais, políticas e ambientais.	
 <b>Climaterianismo</b>	Reduzir consumo de carne, desperdício de alimentos, uso de embalagens, comida local e produtos orgânicos.	Mitigação das mudanças climáticas.	

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023).

## 5 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar a evolução do debate acadêmico acerca dos estilos de consumo alternativos, considerando suas características e princípios. O recorte utilizado para os estilos alimentares alternativos foi: freeganismo, locavorismo, flexitarianismo e climaterianismo.

Observou-se que os estilos alimentares alternativos têm importância no meio acadêmico, uma vez que os 59 artigos abordam pesquisas sobre o contexto social, abrangendo questões de saúde, do meio ambiente, de estilos de vida, entre outras questões. Para os grupos de pessoas que aderem a estes estilos, isso representa uma possibilidade de reduzir os impactos ambientais, propondo um ambiente menos

degradado, maior qualidade alimentar e nutricional, bem-estar animal, entre outras questões.

Os resultados apontam para três eixos temáticos principais abordados na literatura: a) características, princípios e ideologias dos estilos de consumo alternativos; b) motivações que conduzem as pessoas a adotar estes estilos de consumo alternativos; e c) os reflexos das adoções destes estilos de consumo alternativos para as sociedades e os mercados agroalimentares.

Infere-se que nessa pluralidade de ações, os indivíduos, em cada agrupamento, constroem suas identidades a partir de recusas e incentivos à ingestão de determinados alimentos por motivações e escolhas diversas, seja de saúde, éticas, culturais, pessoais, dentre outras. Também se destaca o fato de algumas pessoas aderirem a estes estilos de consumo por necessidade, nem sempre refletindo uma postura ideológica.

Outro aspecto que merece destaque é que os estilos alimentares alternativos estão atrelados predominantemente à faixa etária mais jovem, sendo estes os maiores adotantes. Além disso, as redes sociais são os maiores “gatilhos” para adoção destas práticas alimentares. Por se tratar disso, pode-se inferir que o acréscimo nos adeptos a estilos alimentares alternativos podem estar associados a uma moda ou tendência, não significando necessariamente que permanecerá em crescimento no longo prazo.



## Referências

- Azevedo, E. de. (2015). O ativismo alimentar na perspectiva do locavorismo. *Ambiente & Sociedade*, 18, 81-98. <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC740V1832015>
- Balzano, M.; Vianelli, D. (2022). What contributes to locavorism as a consumer ideology? *British Food Journal*, 124(13), 460-477. <https://doi.org/10.1108/BFJ-02-2022-0164>
- Bánáti, D. (2022). Flexitarianism– the sustainable food consumption? *Élelmiszervizsgálati*, 68(3), 4075. <https://doi.org/10.52091/EVIK-2022/3-6-ENG>
- Barnard, A. V. (2011). ‘Waving the banana’ at capitalism: Political theater and social movement strategy among New York’s ‘freegan’ dumpster divers. *Ethnography*, 12(4), 419-444. <https://doi.org/10.1177/1466138110392453>
- Benito, C. G. Díaz-Méndez, C. (2021). El malestar con la alimentación contemporánea. In: *El malestar con la alimentación*. Díaz-Méndez, C.; García-Espejo, I. Trea
- Breitenbach, R.; Rodrigues, H.; Brandão, J. B. (2018). Whose fault is it? Fraud scandal in the milk industry and its impact on product image and consumption–The case of Brazil. *Food Research International*, 108, 475-481.
- Brunori, G.; Galli, F. (2016). Sustainability of local and global food chains: Introduction to the special issue. *Sustainability*, 8(8), 765. <https://doi.org/10.3390/su8080765>
- Bruns, A. et al. (2022). Application of a modified healthy eating index (hei-flex) to compare the diet quality of flexitarians, vegans and omnivores in Germany. *Nutrients*, 14(15), 3038. <https://doi.org/10.3390/nu14153038>
- Chen, C.; Chaudhary, A.; Mathys, A. (2019). Dietary change scenarios and implications for environmental, nutrition, human health and economic dimensions of food sustainability. *Nutrients*, 11(4), 856. <https://doi.org/10.3390/nu11040856>
- Choi, J. et al. (2021). Exploring local food consumption in restaurants through the lens of locavorism. *Journal of Hospitality Marketing & Management*, 30(8), 982-1004. <https://doi.org/10.1080/19368623.2021.1923608>
- Cleveland, D. A.; Carruth, A.; Mazaroli, D. N. (2015). Operationalizing local food: Goals, actions, and indicators for alternative food systems. *Agriculture and Human Values*, 32, 281-297. <https://doi.org/10.1007/s10460-014-9556-9>
- Cliceri, D. et al. (2018). The influence of psychological traits, beliefs and taste responsiveness on implicit attitudes toward plant-and animal-based dishes among vegetarians, flexitarians and omnivores. *Food Quality and Preference*, 68, 276-291. <https://doi.org/10.1016/j.foodqual.2018.03.020>
- Cruz, F.; T. D.; Schneider, S. (2010). Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de produtos tradicionais. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 5(2), 22-38. <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/9822/pdf>
- Curtain, F.; Grafenauer, S. (2019). Plant-based meat substitutes in the flexitarian age: an audit of products on supermarket shelves. *Nutrients*, 11(11), 2603. <https://doi.org/10.3390/nu11112603>

- Dagevos, H.; Verbeke, W. (2022). Meat consumption and flexitarianism in the low countries. *Meat Science*, 192, 108894. <https://doi.org/10.1016/j.meatsci.2022.108894>
- Dakin, B. C. *et al.* (2021). Prescribing vegetarian or flexitarian diets leads to sustained reduction in meat intake. *Appetite*, 164, 105285. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2021.105285>
- Edwards, F.; Mercer, D. (2012). Food waste in Australia: the freegan response. *The Sociological Review*, 60(2), 174-191. <https://doi.org/10.1111/1467-954X.12044>
- Gross, J. (2009). Capitalism and its discontents: Back-to-the-lander and freegan foodways in rural Oregon. *Food and Foodways*, 17(2), 57-79, 2009. <https://doi.org/10.1080/07409710902925797>
- Kemper, J. A.; White, S. K. (2021). Young adults' experiences with flexitarianism: The 4Cs. *Appetite*, 160, 105073. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2020.105073>
- Kidd, B. *et al.* (2021). Cost and greenhouse gas emissions of current, healthy, flexitarian and vegan diets in Aotearoa (New Zealand). *BMJ Nutrition, Prevention & Health*, 4(1), 275. <http://dx.doi.org/10.1136/bmjnph-2021-000262>
- Kim, J.-Y. (2013). The locavore movement and its application in korea-focused on Pocheon, Gyeonggi Province. *International Journal of Bio-Science & Bio-Technology*, 5(2), 35-40.
- Lancet. (2019). *Healthy diets from sustainable food systems*. Food Planet Health. EAT-Lancet Commission Summary Report. [https://eatforum.org/content/uploads/2019/07/EAT-Lancet\\_Commission\\_Summary\\_Report.pdf](https://eatforum.org/content/uploads/2019/07/EAT-Lancet_Commission_Summary_Report.pdf)
- Lin, Y.-C. (2020). Sustainable food, ethical consumption and responsible innovation: insights from the slow food and “low carbon food” movements in Taiwan. *Food, Culture & Society*, 23(2), 155-172. <https://doi.org/10.1080/15528014.2019.1682885>
- Lohmann, P. M. *et al.* (2022). Do carbon footprint labels promote climatarian diets? Evidence from a large-scale field experiment. *Journal of Environmental Economics and Management*, 114, 102693. <https://doi.org/10.1016/j.jeem.2022.102693>
- Lojdová, K. (2020). Two pictures of non-consumerism in the life of freegans. *Human Affairs*, 30(1), 96-108. <https://doi.org/10.1515/humaff-2020-0009>
- López, M. C. F.; Bedia, A. M. S.; Pérez, M. (2016). Entrepreneurship and family firm research: A bibliometric analysis of an emerging field. *Journal of Small Business Management*, 54(2), 622-639. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12161>
- Magalhães, M. P.; de Oliveira, J. C. (2020). Veganismo: aspectos históricos. *Revista Scientiarum História*, 2, 8-8.
- Malek, L.; Umberger, W. J. (2021). How flexible are flexitarians? Examining diversity in dietary patterns, motivations and future intentions. *Cleaner and Responsible Consumption*, 3, 100038. <https://doi.org/10.1016/j.clrc.2021.100038>
- Marques, S. C. *et al.* (2022). The importance of local food products attributes in Brazil consumer's preferences. *Future Foods*, 5, 100125. <https://doi.org/10.1016/j.fufo.2022.100125>
- Navarro, M. C. (2022). Blackness and food resilience: black culinary epistemologies, the slow food movement and racial justice. *Food, Culture & Society*, 25(2), 201-217. <https://doi.org/10.1080/15528014.2021.1884453>

- Nguyen, H. P.; Chen, S.; Mukherjee, S. (2014). Reverse stigma in the Freegan community. *Journal of Business Research*, 67(9), 1877-1884. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2013.12.001>
- Palomo, J.; Figueroa-Domecq, C.; Laguna, P. (2017). Women, peace and security state-of-art: a bibliometric analysis in social sciences based on SCOPUS database. *Scientometrics*, 113, 123-148. <https://doi.org/10.1007/s11192-017-2484-x>
- Pentina, I.; Amos, C. (2011). The Freegan phenomenon: anti-consumption or consumer resistance? *European Journal of Marketing*, 11. <https://doi.org/10.1108/03090561111167405>
- Portilho, F. (2020). Ativismo alimentar e consumo político—Duas gerações de ativismo alimentar no Brasil. *Redes. Revista do Desenvolvimento Regional*, 25(2), 411-432. <https://doi.org/10.17058/redes.v25i2.15088>
- Rombach, M. *et al.* (2022). COVID-19 and the locavores: investigating the drivers of US consumer preferences for apples. *Agronomy*, 12(7), 1691. <https://doi.org/10.3390/agronomy12071691>
- Rudy, K. (2012). Locavores, feminismo e a questão da carne. *The Journal of American Culture*, 35(1), 26-36. <https://doi.org/10.1111/j.1542-734X.2011.00795.x>
- Santos, M. M.; Marques, P. E. M. (2021). Locavorismo: uma análise de suas contradições à luz de experiências de agricultura urbana em São Paulo. *Estudos Avançados*, 35, 257-268. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.016>
- Sijtsema, S. J. *et al.* (2021). Capabilities and opportunities of flexitarians to become food innovators for a healthy planet: Two explorative studies. *Sustainability*, 13(20), 11135. <https://doi.org/10.3390/su132011135>
- Sonnino, R. (2019). Translating sustainable diets into practice: the potential of public food procurement. *Redes*, 24(1), 14-29. <https://doi.org/10.17058/redes.v24i1.13036>
- Stanton, J. L.; Wiley, J. B.; Wirth, F. F. (2012). Who are the locavores? *Journal of Consumer Marketing*, 29(4), 248-261. [10.1108/07363761211237326](https://doi.org/10.1108/07363761211237326)
- Thomas, L. N.; McIntosh, W. A. (2013). “It just tastes better when it’s in season”: Understanding why locavores eat close to home. *Journal of Hunger & Environmental Nutrition*, 8(1), 61-72. <https://doi.org/10.1080/19320248.2012.761572>
- Verain, M. C. D.; Dagevos, H.; Jaspers, P. (2022). Flexitarianism in the Netherlands in the 2010 decade: Shifts, consumer segments and motives. *Food Quality and Preference*, 96, 104445. <https://doi.org/10.1016/j.foodqual.2021.104445>
- Werner, A.; Risius, A. (2021). Motives, mentalities and dietary change: An exploration of the factors that drive and sustain alternative dietary lifestyles. *Appetite*, 165, 105425. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2021.105425>